

‘A mina não é ABC, não é colégio que se aprende a ler...’: Uma etnografia do fazer festa em um terreiro de Umbanda na Amazônia

Anderson Lucas da Costa Pereira

A partir de “pontos de vista” aparentemente não cruzados, mas certamente, “encruzilhados”, este artigo trata dos modos de pensar e fazer festa em um *terreiro* de Umbanda em Santarém, no oeste Pará. Nele, privilegia-se a dimensão descritiva narrativa dos aspectos simbólicos expressados pelas verbalizações do *pai de santo* e *filhos de santo* do *terreiro* pautados em seus saberes, assim como as relações tecidas no *terreiro* e em outras atividades do cotidiano da festa que aparentemente não estariam conectadas à religião. Este estudo exercita um estilo “etnopoético” de como reverberar essas vivências na forma de descrições etnográficas, em um experimento de encontros de “etnossaberes”. Por fim, ao se propor descrever os preparativos da festa, se está também descrevendo práticas de conhecimento que fazem do chão de um *terreiro* um solo fértil para produzir saberes diversos que vão muito além dos limites desta pesquisa.

Palavras-chave: ritual religião, encantados

From seemingly uncrossed “points of view”, but certainly, “crossroads”, this article deals with the ways of thinking and partying in a Umbanda terreiro in Santarém, western Pará. In it, one privileges the descriptive narrative dimension of the symbolic aspects expressed by the verbalizations of the *pai de santo* and the *filhos de santo* of the *terreiro* based on their knowledge, as well as the relationships woven in the *terreiro* and other daily activities of the party that apparently were not connected to the religion. This study exercises an “ethno-poetic” style of how to reverberate these experiences in the form of ethnographic descriptions, in an experiment of “etnossaberes” encounters. Finally, when describing the preparation of the party, it is also describing practices of knowledge that make the soil of a *terreiro* a fertile soil to produce diverse knowledges that go well beyond the limits of this research.

Keywords: ritual, religion, encantados

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). Mestre pelo mesmo programa e graduado em antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa, Santarém, Brasil) e em administração com habilitação em marketing pelo Centro Universitário do Estado do Pará (Cesupa, Belém, Brasil).

E-mail: andersonlucas219@yahoo.com.br

Recebido em: 05/12/2017

Aprovado em: 21/12/2017

Introdução¹

Parte² da vida de um *terreiro*³ é movimentada por constantes momentos rituais que envolvem *preparos*⁴ de *oferendas*⁵, *trabalhos*⁶, *demandas*⁷, *obrigações*⁸ e festas. A festa, nesse caso, é uma expressão que abriga quase todas as práticas citadas anteriormente. No entanto, mais que um conjunto de todas as ações praticadas pelo *terreiro*, a festa dá fluidez ao espaço, movimenta as pessoas e a vida dos *filhos de santo*⁹, cria e recria simbologias e significados religiosos, possibilita diferentes relações desses religiosos com as suas entidades devotadas e materializa as cosmologias dessas relações. Mas toda festa tem seu tempo, “demarcado por meio de uma série de alterações espaciais, comportamentais, emocionais e fisiológicas, e de usos de objetos materiais, que vem estabelecer simbolicamente uma complexa separação em relação ao tempo cotidiano” (GONÇALVES e CONTINS, 2009, p. 15).

Meu interesse neste texto é falar da festa da *Cabocla Mariana*¹⁰, realizada no Terreiro de Mina Santa Bárbara do *pai de santo* Edivanei de Oyá. Falarei da festa não como o produto de um grande empreendimento, mas das partes que a constroem; não dos processos, mas centrando no cotidiano do *preparo* dessa festa, buscando olhar algumas situações que talvez possam ser consideradas não convencionais aos estudos dos ritos. Meu interesse, então, é “na suposta e complexa separação em relação ao tempo cotidiano” (idem) da festa relacionados ao cotidiano dos seus realizadores, nesse caso, vista também como ritual.

Nas palavras de Stanley Tambiah (1985), ritual pode ser entendido como “dinâmico e flexível”, um sistema cultural múltiplo de expressões comunicativas (PEIRANO, 2000). Para Tambiah o rito pode se expressar por meio de palavras e atos combinados em graus variados de formalidade, estereotipia (*rigidez*), condensação (*fusão*) e redundância (*repetições*) (TAMBLIAH, 1985). Por outro lado, também considera que não podemos definir claramente os domínios que demarcam aquilo que é ritual do que não é ritual: “Para ele [Tambiah] os rituais podem existir em todos os lugares, em todos os tempos, das mais diversas maneiras” (RODRIGUES, 2014, p. 188).

Como já frisei anteriormente, falarei dos *preparativos* da festa para a *Cabocla Mariana*, estudo que foi tratado com mais profundidade em minha dissertação de mestrado (PEREIRA, 2017), mas neste artigo faço um recorte para mostrar uma parte dos momentos que compõem a construção desse ritual: trata-se do dia em que fui *catar folhas*¹¹ com o *pai de santo* na *mata*¹² um dia depois do primeiro ritual que abriu os trabalhos em homenagem a *Cabocla Mariana*. Foi durante a *catação das folhas* que pude observar vários momentos no qual o *pai de santo* talvez não estivesse conectado ao

1. Apresento algumas descrições etnográficas sobre a ritualização e o cotidiano da preparação da festa para a Cabocla Mariana, princesa turca que atravessou o portal da encantaria e se *ajuremou* em terras amazônicas (uma das entidades caboclas mais reverenciada nos terreiros de Santarém, região Oeste do estado do Pará). Descrevo para discutir algumas relações dessa encantada com o *pai de santo* de um desses terreiros, enfatizando os objetos, as crenças, os mitos e as desavenças que tecem esse elo, presentes também em outros momentos, aparentemente não conectados com a vida religiosa desse *pai de santo*. Este texto é parte da minha dissertação de mestrado *A Cabocla Mariana e a sua Corte Ajuremada: Modos de pensar e fazer festa em um terreiro de Umbanda em Santarém, Pará* (2017), elaborada sob a orientação do professor Marcio Goldman.

2. No decorrer do texto farei uso das aspas duplas nas citações diretas de outros autores e falas dos meus interlocutores. Expressões estrangeiras, expressões regionais e rituais serão grafadas em itálico. O uso de aspas simples será usado para dar ênfase a alguma palavra ou frase. E o uso dos colchetes será usado nos momentos de intervenções que o autor considera necessário.

3. Pode ser chamado de casa de santo, local que abriga as pessoas ligadas à religião, objetos e entidades, alocados em espaços específicos dentro do terreiro.

4. Termo utilizado para determinar a manipulação que envolve o uso de ervas ou objetos utilizados nos rituais.

5. Pode ser um alimento ritual, presentes ou agrados ofertados pelo filho de santo à sua entidade.

6. Pode definir as sessões rituais praticadas pelo médium, como demandas, obrigações, passes (rezas) entre outros.

7. O uso do termo “demanda” pode ser encontrado em muitas das diversas formas assumidas pelas religiões afro-brasileiras, podendo ser associado às práticas de feitiços ou trabalhos rituais.

8. Mesmo que preparar uma oferenda ou praticar um trabalho no contexto religioso, cumprir com as responsabilidades relacionadas à sua entidade, são práticas e ações que podem ser consideradas como obrigações.

9. Médium, filho de um *pai* ou *mãe de santo* pertencente a um terreiro.

10. Esses *cabocos* [expressão nativa] estão inseridos no contexto mestiço do panteão *mineiro*. Trata-se do não branco, como os *juremeiros* (índios), *mauro*, *codoense*, *bandeirante*; organizam-se em famílias que também podem possuir *nobres encantados*, vindos de outras nacionalidades, que em situações rituais aparecem para congratular com aqueles que por ele o chamou (LUCA e CAMPELO, 2007). “Estes são *encantados*, não espíritos mortos, nem tão pouco são todos índios”. (VERGOLINO e SILVA, 2003, p. 22).

conteúdo religioso, como também foi durante a *catação dessas folhas* que ele pôde me contar com mais detalhes o mito que explica as origens da *Cabocla Mariana*. É importante considerar que para Tambiah (1985), cosmologia e ritual estão mutuamente interligados em uma dinâmica estrutural, mas que vai além da dimensão/prática meramente religiosa, podendo os mitos estarem relacionados também com outras ações efetivas das pessoas.

No caso das religiões afro-brasileiras¹³, nas quais grande parte dos conhecimentos se repassa pela oralidade, escutar um mito é prática importante para um *filho de santo*. É durante a sua *iniciação*¹⁴, no convívio do *terreiro*, que ele é submetido ao exercício da atividade oracular, em que se aprende essas histórias que relatam fatos de um passado mítico que se repetem no dia a dia da vida dos religiosos, adaptadas às realidades rituais de cada *terreiro* e de cada *filho de santo* (PRANDI, 2001). Eu não sou *filho de santo*, mas fazendo uso do processo da escuta utilizado por eles, acredito estar próximo das compreensões dos sentidos, das práticas e concepções vivenciadas pelos religiosos. De acordo com Prandi (2001), é conhecendo o mito que se passa a compreender os outros sentidos que constituem a heteroglossia religiosa presente “nos objetos rituais, nas cantigas, cores das roupas, nos rituais secretos e danças, nos arquétipos ou modelos de comportamento do filho de santo, que recordam no cotidiano as características místicas da entidade do qual se crê descender o filho humano” (Idem, p. 19).

Em um registro menos acadêmico, sempre imaginei que as técnicas de trabalho de campo que, sem muito ou mesmo nenhum planejamento, acabei por utilizar (...) assemelhavam-se muito ao que se denomina no Candomblé de ‘catar folha’: alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunido (‘catando’) pacientemente ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as ‘folhas’) com a esperança de que, em algum momento, um esboço plausível de síntese será produzido (GOLDMAN, 2006, p. 24). Meio que de forma distorcida, foi mais ou menos desse modo que caminhou minha pesquisa. Fui “catando as folhas” e na maioria das vezes uma por uma, e em outros momentos fui “desfolhando”, no sentido aplicado por Fichte (1987), olhando meu campo como uma “cebola”, tirando as camadas, para enxergar o cerne das questões, mas como acho ruim comparar cebola com o meu campo, prefiro substituir por ‘pastel folheado’ com suco de cupuaçu para acompanhar é claro, parecido com os quais eu comia com meu pai no mercado do Ver-o-Peso, em Belém, aqueles que são tão folheados que fica até difícil de chegar ao recheio e que na maioria das vezes, nem sempre conseguimos sentir o sabor, devido a grande quantidade de camadas. Talvez essa seja uma boa

11. Termo que o *pai de santo* utiliza para colher erva, galhos e plantas na mata, podendo também ser aplicado para o momento em que se está manipulando essa erva, “fulano já começou a catar as folhas do banho”, por exemplo.

12. A mata está associada ao complexo semântico das folhas, uma vez que aquela constitui principalmente o lugar onde estas são colhidas. Outro aspecto que pode nos ajudar a compreender a importância da mata é o papel desempenhado pelas florestas no imaginário dos adeptos. De acordo com Prandi (2005) este seria um traço herdado das culturas africanas e indígenas, nas quais a floresta representa importância primordial.

13. O que se chama aqui de ‘religiões afro-brasileiras’ refere-se a “um conjunto algo heteróclito, mas certamente articulado, de práticas e concepções religiosas”, cujas matrizes são reportadas a tradições “trazidas pelos escravos africanos e que, ao longo de sua história, incorporaram, em maior ou menor grau, elementos das cosmologias e práticas indígenas, assim como do catolicismo popular e do espiritismo de origem europeia” (GOLDMAN, 2008; BANAGGIA, 2008).

14. É o novo candidato adepto as práticas e vida religiosa que está em processo de aprendizado para compreender e controlar as forças de sua entidade. A iniciação tem por finalidade fazer o indivíduo apto ao novo estilo de vida, conhecimento adquirido através de um longo período de vivência no terreiro escutando os ensinamentos do líder religioso (BASTIDE, 1978).

metáfora para a minha pesquisa, pois ainda restam muitas camadas para se chegar ao sabor do recheio. De modo que, entendo este estudo como um ribeirinho em sua canoa, que vai remando entre rios e igarapés em um momento de consolidação das questões.

Catando folhas e colhendo mitos

– Meu filho, “A mina não é ABC, não é colégio que se aprende a ler...”
O que eu sei e posso dizer, e é o que muitos que vivem nossa religião ensinam, é que o tambor de mina é a religião dos orixás, voduns, encantados e caboclos, negros, brancos e índios, príncipes e sultões que vivem aqui na Amazônia, e foi há mais de mil anos que tudo começou... (*Pai Edivanei de Oyá, catando folhas, 13/04/2016*).

Dando continuidade nas observações dos preparativos da festa, que teve início na noite anterior com o toque oferecido à *Maria Padilha*¹⁵, no dia seguinte acordei às oito da manhã para acompanhar o *pai Edivanei* na *catação das folhas* que serão utilizadas tanto na decoração do *barracão*¹⁶, quanto para os *preparados dos banhos*¹⁷. Nesse dia, *Telma*¹⁸ foi conosco e ofereceu o seu carro para ajudar no transporte dos matos.

Chegamos ao *terreiro* para buscar o *pai de santo* e *Rafael*, seu sobrinho que acabara de chegar do *interior* para ajudar na colheita das folhas e nas tarefas que surgirão no decorrer dos dias de *preparação* para a festa da *Cabocla Mariana*. Entramos no carro e seguimos para a rodovia que dá acesso a Alter do Chão¹⁹, é em uma parte dessa estrada que o *pai Edivanei* colhe as folhas para decorar o *barracão*: ‘pau de ferro’ é nome da árvore que ele utiliza para decorar, pois considera ser uma planta mais resistente ao tempo, mesmo depois de ter sido colhida, e ‘flor do campo’ é a outra planta que vamos colher, esta usada no preparo da *defumação*.

Buscando *pai Edivanei*

No carro, *Telma* coloca algumas músicas do estilo sertanejo e *Rafael* faz comentários referentes aos cantores que mais gosta e das músicas que tocam o seu coração, rimos nesse momento, pois seu rosto se contorcia ironicamente para insinuar que eram trilhas musicais que faziam lembrar seus antigos relacionamentos amorosos, “essas músicas quando a gente escuta machuca até o coração”, dizia ele.

Pai Edivanei entra no carro com um *terçado* de aproximadamente 50 centímetros, ele é o único que leva o *facão* e o único habilitado a utilizar o instrumento. Nesse dia, fomos ajudá-lo a carregar os matos cortados por ele, ou seja, nossa ajuda se

15. Pomba Gira. Entidade ligada a Exu.

16. Casa de culto localizado no terreiro, espaço onde geralmente as entidades se manifestam e dançam.

17. Termo para designar o processo de limpeza do corpo lavado por água acrescida de ervas e outras substâncias. Toma-se o banho para as limpezas espirituais ou em situações recomendados pelo *pai de santo*.

18. Amiga e pesquisadora nos projetos iniciais sobre os estudos afro-religiosos em Santarém quando éramos alunos de graduação, hoje, doutoranda em Antropologia Social do Museu Nacional.

19. Balneário muito conhecido no Pará por suas extensas praias de água doce.

restringia a colher as ervas sem a utilização de metal: “Eita! que já vem o Edivanei armado”, falou o Rafael. “Eu tô armado até os dentes!”, respondeu o *pai* Edivanei. Nesse dia, tinha acabado de cair uma forte chuva na cidade e o tempo continuava fechado, mas seguimos para a estrada do mesmo modo.

Ao entrarmos no carro, outra música é tocada, o estilo dessa vez foi o forró da banda ‘Calcinha Preta’, e o *pai* Edivanei começou a cantar: “Quem não te quer sou eu, o meu coração dilacerou, e tudo se perdeu...”. Telma interrompe o canto para perguntar se o local que iríamos era o mesmo das outras vezes. “É minha filha, já faz muitos anos que só vou nesse lugar pegar os matos”, respondeu ele. Seguimos...

Pai Edivanei olha o seu celular, faz uma cara de chateado e diz:

– Olha só! Deixei o celular lá fora [se referindo que antes de entrar no carro tinha esquecido o aparelho em um lugar que o dificultava escutar as chamadas] e nem vi que estavam me ligando, era o Luciano. Esse meu telefone tá um ó e sem crédito!

Rafael pergunta: “Não caiu a promoção?”. “Ainda não! Mas também nem tive tempo de mudar o plano do celular, não tive tempo pra nada, esses dias nem sei como é que tô me mantendo em pé, não sei mais nem o que é dormir”, respondeu o *pai* Edivanei.

Telma e eu estávamos há uns bons tempos fora de Santarém, e não estávamos notando as mudanças nas rotas e os novos sentidos das ruas na cidade. Tal desatenção fez Telma ficar perdida. *Pai* Edivanei, vendo nossos erros na estrada, vai falando a nova rota: “Sobe a Rua Sete de Setembro, e depois pega a Rua Bartolomeu...”. Ele passa então a dizer as ruas que temos que percorrer. O telefone dele toca:

– Alô! Oi Luciano! Bom dia, tem um presente para a Mãe Mariana²⁰? Oi? Diga? Eu estou bem, tirando o cansaço da vida, tô no meio da estrada agora, indo pro mato, e você? Como é que está por aí? Vixe! Nossa Senhora, cruz credo, Ave Maria! Eu tomei um remédio, uma injeção, graças a Deus até agora a dor ainda não deu. É, o importante é a agente se sentir bem. Oi? Ham, ham, como? Hum, hum, isso, então, eu vou fazer o seguinte, quando eu chegar em casa, eu te mando, tá? Como é que é? Não entendi. Então tá! Quando eu chegar em casa eu te ligo e te falo direitinho. (*Pai* Edivanei ao telefone)

Conseguimos sair da cidade e chegamos à rodovia que nos leva para a estrada com acesso à mata. No caminho passamos em frente a um grande supermercado que recentemente foi inaugurado e Telma comenta que no dia da inauguração o estabelecimento estava tomado por muitos clientes. “É, ontem foi a

20. Maneira carinhosa do *pai* Edivanei se referir a Cabocla Mariana.

inauguração dele, a gente passa depois aí. Parece que tudo tá mais barato, na volta a gente passa aí. Vou comprar algumas cervejas e mais algumas coisas”, comentou o *pai* Edivanei. Enquanto ele falava mais uma vez o Rafael canta a música da Banda ‘Calcinha Preta’.

Passados alguns minutos, chegamos ao local onde o *pai de santo* colhe os matos. Telma lembra que no ano passado ela tinha estacionado o carro em cima de um ninho de ‘formigas de fogo’ e, no momento enquanto estávamos arrumando os matos as formigas estavam nos dando uma coça²¹, *pai* Edivanei nos interrompe e fala: “Ano passado não, foi ano retrasado, ano passado vocês estavam no Rio de Janeiro há muito tempo”.

Descemos do carro, e o *pai* Edivanei pegou o seu terçado e saiu na frente entrando na mata, fomos em seguida atrás dele enfileirados. “Ai Mãe Mariana! Me dê forças nesse braço para que eu não sinta dor e assim possa fazer a sua festa, me ajude!”, falou o *pai* Edivanei levantado as mãos para os céus. No caminho, eu aproveitei o momento para perguntar ao *pai* Edivanei se ele pode falar um pouco da *Cabocla Mariana*, sobre a história do pai dela e das irmãs que se *encantaram*²² em terras amazônicas.

Colhendo mitos

Pai Edivanei começa dizendo que tudo teria se iniciado por volta dos anos de 1099, em um momento no qual as tropas cristãs da primeira cruzada teriam conquistado Jerusalém. E os turcos também derrotados, teriam conseguido, mesmo que momentaneamente, resguardar algumas cidades litorâneas dessa invasão, e em uma dessas cidades o *Sultão Dassalã*²³, resistindo aos inimigos, manteve a esperança de reconquistar o seu reinado. *Dassalã* é considerado nesse enredo como o grande glorioso do Islã. *Pai* Edivanei conta que certa manhã nesse reinado, o servo *Dulugã*, deu a triste notícia ao *Sultão*: para salvar seu legado, deveria proteger o tesouro mais precioso do reino, suas filhas, as três princesas *Mariana*, *Erundina* e *Jarina*²⁴.

As palavras foram grafadas de acordo com o entendimento da pronúncia.

Pai Edivanei continua caminhando e segue com o mito dizendo que a medida tomada pelo *Sultão*, aconselhado pelo chefe da tropa real, foi a de embarcar as três princesas imediatamente e enviá-las ao reino amigo situado na Mauritània. Segundo o *pai de santo*, as princesas nunca chegaram ao seu destino, os emissários teriam ficado na praia a esperar horas, dias e meses, enquanto as princesas estariam em alto mar, perdidas, caminhando para os seus destinos místicos, “foi nessa viagem que elas passaram pelo Estreito de Gibraltar, local que às vezes surge um portal para outros

21. Termo muito utilizado pelos paraenses para designar ações genéricas do tipo, “fulano brigou com um cara mais forte que ele e levou uma coça (apanhou)”, ou “fulano deu uma coça (chamou severamente a atenção) no filho devido ter respondido de forma grosseira pra professora”, são alguns exemplos.

22. Caboclos, mestres e outras entidades conhecidos nas religiões afro-brasileiras pelo nome genérico de encantados, concebidos como espíritos de homens e mulheres que passaram diretamente deste mundo para o mundo mítico, invisível, sem ter conhecido a experiência da morte: diz-se que se encantaram. Essas entidades constituem o panteão especialmente brasileiro, justaposto ao panteão de origem africana formado pelos orixás iorubanos, voduns jejes e inuques bantos (PRANDI, 2000).

23. As palavras foram grafadas de acordo com o entendimento da pronúncia.

24. A literatura dos estudos do tambor de mina no estado do Pará mostra que, Mariana, Jarina e Erundina, tornaram-se entidades cultuadas na religião, virando caboclas após se encantarem e passarem pelo processo de *ajuremação* (PRANDI, 2000; VERGOLINO e SILVA, 2003; MARILU e LUCA, 2007).

mundos, e sem perceberem deixaram o mundo real, para entrar no mundo dos *encantados*”, disse *Pai Edivanei*.

Enquanto andávamos, mais uma vez seu celular toca, ele atende e vai caminhando pela trilha e nós vamos seguindo os passos dele. “Oi, bom dia! Axé! E aí bicha rapeira mentirosa! Tu és muito fuleira, olha não tem desculpa não, amanhã é a festa da *turca*²⁵, olha não vai dá furo, tá bom então! vou te esperar mais tarde lá no meu *barracão*”, disse ele finalizando a ligação.

Terminado de atender o celular, eu volto a perguntar sobre a viagem das princesas, então ele retorna dizendo que se passaram muitos anos, e as princesas dormiram todo esse período até acordarem na foz do Rio Amazonas, próximo da Ilha Grande de Joanes, onde encontraram a velha *índia Tapuia*, que chorava a falta dos seus parentes levados por “homens estranhos e brancos”. As princesas então teriam saltado de sua embarcação e foram em direção a velha índia, que em meios as lágrimas e sussurros de choro a *tapuia* falou, “o vento é meu lamento, minhas lágrimas são o rio. Eu sou a barreira do mar, eu sou a *Pororoca*²⁶. Defendo o meu povo contra a maldade que vem do mar, mas vocês podem entrar *Princesas encantadas*” (*Pai Edivanei* fazendo a voz da Índia).

Segundo o *pai Edivanei*, as três princesas confusas com a situação, não estavam compreendendo suas novas realidades:

– Meu filho como eu posso te dizer? A *encantaria* é como se fosse uma região que a gente entra e jamais pode voltar, e elas, ao chegarem nesta dimensão, ainda iam demorar um pouco para perceber a nova vida que estavam levando.

Segundo ele, os *portais das encantarias* existem em matas, nos espelhos das águas, nas rochas, podendo ser localizadas em vários lugares e países, mas ninguém sabe o local certo, nem o dia e a hora do aparecimento.

Pai Edivanei prosseguiu com mito dizendo que depois de passar pela *pororoca*, a embarcação que levava as princesas, volta a navegar pelos rios da região por vários dias e noites, “o que ocorreu nessa viagem, nada é afirmado, mas é eu que conheço a personalidade dessas princesas e posso dizer que, *Mariana* talvez estivesse sempre no convés, no lugar do comando, porque assim ela foi criada para comandar, para governar, para dirigir; já a *Jarina* que é a caçula das irmãs, deveria estar chorando as saudades dos pais e das terras da Turquia; agora *Erundina*, com certeza já estava se apossando dos perfumes aromáticos da Amazônia, ela que foi a primeira das princesas a se *ajuremar*²⁷”.

Pai Edivanei conta que após a longa viagem pelos rios da Amazônia, as princesas e sua comitiva chegam à aldeia do *Caboclo*

25. Fazendo referência à origem da Cabocla Mariana. Como coloca Taissa Tavernard de Luca, “[o]s turcos são personagens que retomam o episódio histórico das cruzadas e os bandeirantes representam simbolicamente o processo de ocupação do interior brasileiro denominado de Entradas e Bandeiras. São ora apresentados como nobres, ora como cabocos, o que nos fez pensar que sejam nobres com status um pouco inferior ao dos senhores de toalha. Mundicarmo Ferretti, em seu livro *Desceu na Guma*, os classifica como gentilheiros e os descreve como ‘fidalgos, não confundidos com os orixás, as vezes também confundidos com os caboclos (...) que não pertencem a nobreza europeia cristã’. São consideradas categorias hierarquicamente intermediárias compostas de nobres, as vezes descritos como mestiços e não brancos. Na maioria das vezes se vestem com roupas finas e luxuosas confeccionadas de tecidos brilhosos e richelieu colorido. Todavia, por serem personagens ambíguos, podem também trajar roupas de florão que os aproximam dos juremeiros e codoenses” (LUCA, 2014, p. 186). Ver também Ferretti (1985), Marilu e Luca (2007), Mundicarmo (2001) e Luca (2017).

26. Trata-se de um fenômeno natural produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas.

Velho em um dia de festa, a convite do chefe da aldeia as três moças são chamadas a dançar com eles. Segundo *pai* Edivanei, foi nessa festa que o *Caboclo Velho* recebeu um espírito ancestral conhecido como *Xaramundi*, e com esse espírito as princesas *turcas* começaram a ter os primeiros conhecimentos do mundo da *encantaria*. Após a festa, as princesas ficam por vários dias na aldeia, tempo suficiente que lhes deu a oportunidade para que se *ajuremassem*, deixassem suas roupas e vestissem a ‘personalidade’ indígena e que índios se ‘batizassem’ e se *turcoassem*, tomassem a ‘personalidades’ de turcos, “esse tempo foi suficiente para que *turcos encantados* e *índios* pudessem perceber que eram *irmãos* nesse novo mundo”.

O *pai de santo* conta que passados esses dias, as princesas e sua comitiva partiram da aldeia de *Caboclo Velho* e seguiram viagem. Enquanto isso em terras *turcas*, derrotados pelas cruzadas, o *Sultão Dassalã* é obrigado a abandonar o reino. Mas sem saber, o seu trono real foi guardado numa gruta pelos fiéis soldados, sendo o *Ludugã* a única testemunha do sacrifício dos bravos guerreiros. *Ludugã* leva então ao *sultão* uma mensagem, “Senhor, tenho uma história para lhe contar, o seu povo é fiel, confia e tem fé. De baixo da terra, ao lado do trono, estão os seus fiéis soldados à espera da sua volta” (*Pai* Edivanei fazendo a voz do soldado). Ao receber a mensagem, o *sultão* teria ficado muito feliz e emocionado, começa a chorar lágrimas de diamantes das quais presenteia os soldados como forma de gratidão. E foi naquela noite que partiu da cidade levando consigo a confiança do seu povo e com a promessa de um dia retornar com suas filhas ao reinado. De acordo com o *pai* Edivanei, a partida de *Dassalã* junto com o chefe da guarda real *Ludugã*, é celebrada pelos religiosos como o início, por eles chamado, de *anéis da cobra grande* que fundam o *tambor de mina*²⁷ na Amazônia, segundo ele são três anéis.

Pai Edivanei termina de fumar o seu cigarro e continuamos a caminhar até chegarmos a um ponto alto da mata que mais parece uma serra. Mais uma vez, ele nos alerta para tomarmos cuidado, lembrando e comentando que no ano anterior um *filho de santo* dele que não teve cuidado justamente onde estávamos, acabou escorregando com um volume grande de *pau ferro* que carregava naquele dia:

– Eu falei pra ele, não vai por aí, vai por aqui. Eu disse, menino vai por aqui. Quando me dei conta só vi ele rolando ladeira abaixo. Aí eu falei: olha seu viado, eu te falei, tu não me escutas, mas ainda bem que ele caiu naquele areal que fica mais ali em baixo.

27. Processo de tornar-se índio. Segundo o *pai* Edivanei, existe uma escala nesse processo de *ajuremação* nas quais certos encantados passaram, alguns se tornando totalmente índio, uns só um pouco, outros apenas aprenderam os conhecimentos indígenas, mas mantiveram a suas origens.

28. “Falar em campo religioso no estado do Pará é se referir, indubitavelmente, a uma grande variedade de religiões de diversas matrizes” (LUCA; CAMPELO, 2007, 1), e “não se pode escrever sobre as religiões de matriz africana no Pará sem mencionar a forma de culto tradicional que adentrou neste território em momento histórico específico: a *mina*” (LUCA, 2014, p. 158), originário do Estado do Maranhão que por lá chegou por volta do século XIX, como bagagem cultural que veio junto com os negros escravizados no Brasil colonial (FERRETTI, 1987; FERRETTI, 1985). O termo “*mina* deriva do Forte de São Jorge da Mina, atual República de Gana, um dos antigos empórios portugueses de escravos na África Ocidental” (FERRETTI, 1985, p. 10). “No Estado do Maranhão estes negros fundaram duas *casas mater*: a Casa das Minas – de tradição *Jeje* – e a Casa de *Nagô*” (LUCA, 2014, p. 158). Em terras maranhenses, “o *tambor de mina* é uma religião como as outras. O que é típico da *mina* são os *voduns*, que se manifestam para tratar de problemas das pessoas como doenças e dificuldades da vida”. (FERRETTI, 1985, p. 11). No Pará, estudos apontam que do Maranhão, religiosos do *Tambor de Mina* “migraram para Belém, em duas etapas: a primeira composta pelos religiosos maranhenses migrantes da economia gomífera e a segunda constituída por paraenses que foram para o Maranhão buscar iniciação durante a década de 70 e 80 do século XX” (LUCA; CAMPELO, 2007, p. 5). “Das lideranças religiosas que chegaram ao Pará, algumas já eram feitas no santo, como Chico Légua, iniciado no Maranhão por Mãe Maximiana, praticante da linha do Codó” (FERRETTI, 2001, 66).

Eu começo a tirar algumas fotos do *pai* Edivanei, “menino para de tirar foto de mim nesse estado, todo destruído, para se não eu não falo mais o resto da história”, eu digo que não vou tirar mais fotografias e que, por favor, continuasse contando, Telma e Rafael também pedem para ele continuar.

Pai Edivanei retorna ao mito chamando a atenção para um fato considerado extraordinário, é a presença de um certo homem branco, que por passar por caminhos muito parecidos com os das princesas, fez com que antes delas, já estivesse vivendo entre os índios ao ponto de se *ajuremar*, recebendo o nome de *Sumé*. Este é apontado como o responsável por ensinar aos indígenas as leis do mundo do branco. *Sumé*, também já estaria *encantado* e numa certa manhã, nas praias de água doce da Amazônia, entrou na maré e sumiu. Mas os índios acreditavam que um dia ele voltaria.

O mito diz que *Dassalã* passou muitos anos tentando encontrar suas princesas e sem saber, ele e sua comitiva, acessaram o *portal da encantaria* e dormiram acordando tempos depois em terras amazônicas onde conheceu o *Caboclo velho*. Na aldeia do velho chefe, *Dassalã* é visto pelos indígenas como o *novo Sumé* e por eles foi avisado que não voltaria mais a Turquia. O *Sultão* não deu muita atenção às palavras do chefe indígena e depois de alguns dias resolveu continuar a busca das suas filhas. Com a partida de *Dassalã* da aldeia, dias depois teria chegado a Ilha de Joanes onde foi reconhecido também como o *novo Sumé*, as notícias teriam se espalhado com as forças dos ventos que batiam nas folhas e pelos pássaros que cantavam as boas novas. De acordo com o *pai* Edivanei, a felicidade foi considerada tão especial, que na ilha, *Dassalã* foi coroado pelos índios como *rei Marajó*. É destacado no mito que o fato da princesa turca *Erundina* ter sido a primeira a se *ajuremar*, e o *Sultão Dassalã* ter sido coroado como *rei Marajó*, fosse entendido como o fechamento do primeiro *anel da cobra grande* da formação do *tambor de mina* na Amazônia.

Outro fato considerado importante nesse enredo que acontece na *Praia do Lençol*²⁹, é o encontro da *Princesa Mariana* com um suposto soldado da cruz. Ela por ser considerada a mais valente das princesas ordena a este soldado a se apresentar, então o cavaleiro desce do seu cavalo e tira a sua armadura, dizendo a princesa para não temer mais, pois ela estaria agora em solos *encantados* de *Dom Sebastião*, que um dia já teria sido rei de Portugal e inimigo dos turcos, mas se tornou senhor da *encantaria* das *praias do lençol* e ordena a paz entre os reinos no mundo *encantado*. Disto isto, o soldado ofereceu hospitalidades à princesa turca e suas irmãs e todos os luxos que poderiam servir a elas em nome de *Dom Sebastião*.

29. Madian Pereira (2000), em sua dissertação intitulada *O imaginário fantástico da ilha dos lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*, identifica como se dá a relação entre Sebastianismo e encantaria presente na ilha dos Lençóis, localizada no litoral norte do Maranhão. Ele procura apreender aspectos construtores da pluralidade simbólica que reveste a ilha considerada encantada, enquanto morada do rei Sebastião, e que abriga uma comunidade *sui generis*, onde os habitantes, dos quais se destacam cerca de 3% de albinos, se autodenominam “os filhos do rei Sebastião”. Segundo a crença difundida, Dom Sebastião não morrera, ele havia se encantado com todo o seu reinado numa ilha e que um dia irá emergir do fundo do mar para instaurar seu império e distribuir bens materiais para os seus adeptos (PEREIRA, 2000).

No entanto, diante de toda a extravagância oferecida pelo *Dom Sebastião*, duas das princesas agradeceram, e não aceitaram a oferta. Pois, a *princesa Mariana*, passou a se apossar do mar, sempre naquela esperança de um dia poder encontrar o seu pai *Dassalã*; *Erundina*, já *ajuremada*, teria ido para as matas e de lá não quis mais sair. Nessa sina permeada de desencontros, apenas a caçula das princesas, *Jarina* desfrutaria do encontro com o pai.

Na concepção do *pai Edivanei*, o *sultão Dassalã* teria conseguido encontrar sua filha *Jarina*, ao aceitar a hospedagem de *Dom Sebastião* ficando em suas *terras encantadas*, mas ressalta também, talvez tenha sido lá que se inicia a sua suposta luta interior, pois conta o *pai de santo*, que o *Sultão* não conseguia esquecer a promessa feita ao seu povo no momento em que partiu da Turquia. Ao mesmo tempo, sair do mundo dos *encantados* ficava cada vez mais impossível. A aproximação dos reinos português e turco, antes inimigos, no mundo da *encantaria* é vista no *tambor de mina* como o fechamento do *segundo anel da cobra grande* que irá fundar a religião dos *encantados* em terras amazônicas.

Catando folhas

Depois de andarmos bastante, chegamos a um ponto e paramos. *Pai Edivanei* nos fala para ficarmos esperando ele, enquanto vai cortar os matos e depois que ele já tiver cortado, vai nos chamar para pegar os montes deixados pelo caminho para nós carregarmos até ao carro.

Ele entra mais um pouco na mata e faz um pedido de licença para *Oxossi*³⁰ e *Ossaim*³¹ e depois canta para seu *Rompe Mato*³² e entra na floresta. Do local onde estamos, escutamos apenas o som que o terçado faz quando corta o *pau ferro*, o som é muito parecido quando se está realmente batendo em uma barra de ferro. Mas antes de ir cortar os galhos *pai Edivanei* já tinha nos deixado a tarefa de colher uma plantinha que ele chama de *flor do campo*, é uma planta de poucas espessuras que nascem nas áreas mais abertas da floresta com grande incidência solar, bem rente ao chão, ao ponto que temos que nos ajoelhar para colhê-las.

Pai Edivanei começa a montar os montes de folhas que cortou e nos chama para colher, os montes estavam espalhados pelo caminho deixados por ele. Vamos carregando os matos até onde estava estacionado o carro da Telma. A volta parece se tornar mais longa por causa do peso do mato e devido ao chão estar ainda muito molhado. *Pai Edivanei* traz mais um monte e fala para o Rafael: “olha taí sua carga! pode levar”. Rafael olha o monte e fala: “tem um monte maior não?”. Então o *pai Edivanei* responde: “Não reclama se não ponho é mais”. Rimos.

30. É o orixá da caça, florestas, dos animais, da fartura, do sustento. Está nas refeições, pois é quem provê o alimento. É a ligeireza, a astúcia, a sabedoria, o jeito ardiso para capturar a caça. É um orixá de contemplação, amante das artes e das coisas belas. É o caçador de axé, aquele que busca as coisas boas para um ilé, aquele que caça as boas influências e as energias positivas (PRANDI, 2001).

31. Conforme as religiões africanas, é o orixá das folhas sagradas, ervas medicinais e litúrgicas, identificado no jogo do *merindilogun* pelo *odu iká* e representado material e imaterialmente pela cultura jeje-nagô, através do assentamento sagrado denominado *igba ossaim*. Sua importância é primordial. Nenhuma cerimônia pode ser realizada sem sua interferência (PRANDI, 2001).

32. De acordo com o *pai Edivanei* pode ser chamado de Ogum Rompe-Mato, é um dos *falangeiros*, chefes da linha de Ogum, que é composta de: Ogum Beira-Mar, Ogum Rompe-Mato, Ogum Iara, Ogum Malei, Ogum Nagô, Ogum Megê e Ogum Naruê. Já o Caboclo Rompe-Mato é um caboclo de Ogum, que recebe irradiação de Oxossi, é o mesmo que dizer que é um caboclo que trabalha com a força de Ogum, mas faz suas entregas para Oxossi.

Eu faço um monte com uma grande quantidade de folhas e começo a carregar, e o *pai* Edivanei fala: “Rafael tira uma foto do Anderson”, e eu digo “eu não *pai!*”. “Claro que vou tirar”, diz ele, “tem que tirar foto sim! Pra mostrar que você está participando, e tu tem que dizer lá no teu trabalho, olha eu fui pro mato, fui colher o *pau ferro, flor do campo*, fiquei todo sujo e molhado da chuva”. Eu respondo: “Tá bom pai, mas então vai na frente que eu já esqueci o caminho de volta, não sei mais onde está o carro”. Ele riu.

Chegamos à estrada, exaustos jogamos as folhas no chão, *pai* Edivanei vai ao carro e pega uma garrafa de refrigerante e serve para nós. Sentamos um pouco no chão, e ele fala: “Anderson, se eu não tivesse cortado meu cabelo, hoje ele estaria maior que o teu”. Eu respondo que sim, quando o conheci o seu cabelo já era bem comprido. Ele faz mais um comentário, “quando eu chegar em casa, vou dar um trato nele [*referindo-se ao seu cabelo*], Mãe Mariana vai gostar, o bom é que eu mesmo trato do meu cabelo, corto, ajeito, não pago cabeleireiro, minha cabeça eu não entrego para ninguém”³³. Eu aproveito que estamos sentados e pergunto como é que se desenrola a história das princesas para chegar ao terceiro *anel da cobra grande*.

Pai Edivanei retorna dizendo que nas terras dos *encantados* habitadas por *índios, portugueses e turcos*, fez com que se sobressaísse nos *rituais de pajelança*³⁴ a presença de três jovens da corte de *Dom Sebastião* conhecidos por *Sebastiãozinho, Aruaninha e Iguaízinho*, que descobriram a possibilidade de se manifestarem nos salões de *Pajelança*. No lado do *povo da Turquia*³⁵, a primeira que teve esse privilégio foi a princesa *Erundina*, já se manifestando como *cabocla*, escolhendo como morada o *reino do Juncal*³⁶, e em seguida *Dona Jarina*, e por último, a *turca Mariana* que não deixou a sua personalidade turca, mas passou a exercer uma grande liderança no *tambor de mina*, tornando-se uma das mais queridas deste ritual. No entanto, de todos os *encantados* da *praia do lençol*, *Dassalã* era o único que ainda resistia a *ajuremação*, pois sempre se lembrava da promessa que fez ao seu povo de um dia voltar a Turquia.

Pai Edivanei ressalta que algo estava faltando para fechar o último *anel da cobra grande*, ciclo que vai se fechando com a chegada às terras amazônicas de povos vindos de Daomé, Angola, Guiné e Cambina, trazidos de maneira forçada para esta terra. *Dassalã* teria assistido a chegada e o sofrimento desses povos, mas enxergou que ao lado daquelas pessoas vinham também suas divindades, *Dassalã* avista então, a força de *Ogum*, a leveza de *Iemanjá*, a nobreza de *Dadarô*, mas de todos o que mais teria impressionado ao *Sultão* foi *Verequete*, considerado aquele que vai a frente, que enxerga longe e desbrava caminhos.

Pai Edivanei destaca que *Dassalã* fica confuso, mesmo vendo negros, índios, portugueses e turcos irmanados espiritualmente, as

33. *Pai* Edivanei tem um cuidado especial com o seu corpo para receber a Cabocla Mariana, já tive a oportunidade de presenciar um desses cuidados, quando na véspera da festa se preocupou em tirar a barba do seu rosto com cera quente de abelha, eu perguntei se não doía e ele me respondeu, “que nada! Mãe Mariana vai ficar com o rosto bem lisinho”.

34. A *pajelança cabocla* é “uma forma de culto mediúnico, constituída por um conjunto de crenças e práticas difundidas na Amazônia como os encantados ou caruanas” (MAUÉS, 1995, p. 18), tendo origem com os grupos tupis (GALVÃO, 1976), a prática desse culto na atualidade, “se integra em um novo sistema de relações sociais, incorporando ritos católicos e da Umbanda” (MAUÉS, 1995, p. 18). Provavelmente trazida do Rio de Janeiro, “a introdução da Umbanda em Belém é creditada a Maria Aguiar, conhecida por receber a entidade Dom Luíz, rei de França, tido como um *vodun* poderoso na *mina*” (PRANDI e SOUZA, 2001, p. 221). Esses cruzamentos de linhas da Umbanda, com a *mina* e *pajelança* se tornaria a assinatura da religião afro-paraense (LEACOCK e LEACOCK, 1972), são esses encontros das águas – as salgadas do Maranhão e Rio de Janeiro – com as águas doces do Pará, a gênese afro-religiosa da região (VERGOLINO e SILVA, 1976).

35. Ou *Família da Turquia*, ou linha de nobres encantados.

36. Segundo o *pai* Edivanei, é um local encantado ordenado e dirigido pela natureza, podendo ser encontrado outros encantados com formações animais, como botos, cobras e pássaros.

divindades africanas só se manifestavam nos africanos, *Verequete* percebeu que essa ‘divisão’ não poderia acontecer, ele passa então a se manifestar nas *casas de caboclos* e *encantados* levando consigo as entidades africanas, fazendo-as assim conhecidas entre os *caboclos* e *encantados*. Com essa atitude, *Verequete* passa a ser visto na *mina* como o responsável pelas *alianças* entre esses povos espirituais.

Pai Edivanei interrompe o relato sobre o mito e começa a arrumar os matos no carro. Eu comento que talvez o carro não tivesse espaço suficiente para acomodar a quantidade de folhas, ele começa a arrumar e me responde: “Meu filho são anos de mato, eu sei as quantidades certas de tudo. Abre essa mala do carro, mas primeiro, Rafael! Me dá um cigarro aí”.

Enquanto fuma o cigarro, ele nos fala que tinha sofrido um acidente semanas atrás e com isso acabou machucando a costela e o braço direito. Estava no sítio da sua mãe que fica na cidade de Itaituba (PA), ele contou que estava na carona da moto do Rafael e que o mesmo não conseguiu avistar a tempo um buraco que estava na estrada e acabou desviando a moto bruscamente para o mato, “meu filho, ainda bem que Mãe Mariana jogou a gente pra cima de uns galhos, se não hoje eu não tava aqui falando com vocês”.

Finalizando a colheita do mito

Como todos nós já estávamos acomodados no carro, eu peço para o *pai Edivanei* falar o que aconteceu com o *Dassalã* e o que ele tinha decidido afinal de contas. Então ele retorna ao mito e diz que, em um certo dia, *Verequete* resolveu convidar a todos para uma grande reunião no centro da floresta Amazônica. *Caboclos*, *Encantados*, *Voduns* e *Orixás*, todos são chamados, inclusive a *família da Turquia*. Nessa festa uma grande roda é formada. No centro do ciclo ficam as *anhangas*, *jurupari*, são as divindades amazônicas da floresta, logo em seguida, os *caboclos* e *pajés*, e em volta, os *encantados*, depois os *senhores de toalhas* e *vodunços*, por último as divindades africanas, todos eles *irmanados*. “Meu filho, o impossível estava acontecendo, reunindo tradições e pensamentos diferentes, aí fecha-se todos os anéis da cobra grande, é o grande momento da fundação do tambor de mina na selva amazônica”, diz o *pai de santo*.

Pai Edivanei finaliza o mito dizendo que nessa festa *Dassalã*, muito feliz e impressionado com o que estava vendo, chega a uma decisão. Ele ordena ao *Ludugã* ir à procura de uma pessoa com as qualidades necessárias para futuramente recebê-lo como *entidade*. A negra *Anastácia* teria sido a escolhida quando estava ainda no ventre de sua mãe. Ela, após ser preparada dentro da casa do africano *Manoel Teu Santo*, funda a *casa da Turquia*³⁷, onde todos os *turcos* passaram a se manifestar e constituir os *fundamentos*³⁸ da

família imperial da Turquia. Anastácia é tida como a única a incorporar *Dassalã*, e as três princesas passam a seguir seus caminhos independentes como entidades *encantadas*, mas sempre que chamadas pelos *filhos de santo*, elas se encontram e se congratulam em dias e festas nos *terreiros* da região. “O que eu posso dizer é isso, se vocês quiserem saber mais só entrando pra religião”, diz *pai Edivanei*, e nós rimos.

Não é conclusão, talvez mais dúvidas

Neste texto, busquei apresentar partes de uma descrição etnográfica sobre a ritualização e o cotidiano da preparação da festa para a *Cabocla Mariana*, princesa *turca* que atravessou o *portal da encantaria* e *ajuremou-se* em terras amazônicas. Dei destaque para uma das partes que constituem os *preparos* desta festa, o momento que chamei de ‘catar folhas’. Foi durante essa catação que tive a oportunidade de conhecer um pouco mais dos elementos utilizados nos momentos rituais, como também tive o privilégio de escutar uma das versões do mito que explica a fundação do Tambor de Mina e a gênese de umas dessas entidades mais cultuadas nos *terreiros* de Santarém, a *Cabocla Mariana*.

No entanto, praticar a escuta para catar essas informações, ‘catar’ no sentido utilizado por Goldman (2006), proporcionou-me colher também outros sentidos do ‘fazer festa’ no *terreiro* de Umbanda, mostrou-me que além dos rituais e práticas já sabidas e descritas por muitas outras pesquisas antropológicas, olhar o cotidiano daqueles que fazem essa festa pode nos dar a possibilidade de compreender outros sentidos desse ‘fazer’, que talvez pudéssemos considerar não conectadas às práticas religiosas: contar uma piada fora do contexto religioso, ouvir uma música que não seja do repertório místico, atender o celular durante estar colhendo ervas sagradas para um ritual, não fazem deste religioso menos religioso do que os outros, pelo contrário, como destacou Tambiah (1985) falando sobre ritual, não podemos demarcar ou definir os domínios dessa prática, elas podem existir em todos os lugares e serem demonstradas de diversas maneiras.

É nesse sentido que considero a ‘festa’ que está sendo preparada – incluído todas as suas partes, não só a apresentada neste estudo – como um roteiro de descontinuidades, isso não quer dizer que não exista linearidade, mas que ela não seja vista de maneira artificial e cheias de sentidos ordenados como normas. Ao contrário, a suposta linearidade foi vivenciada por constantes negociações que movimentaram e deram diferentes volumes e formas ao trajeto. É nesse sentido que Fichte (1987) desenha a

37. Para mais informações sobre as pesquisas relacionadas a *Anastácia*, *Manoel Teu Santo* e a fundação da *casa da Turquia*, ver trabalhos de Sergio Figueiredo Ferretti, em “Querebetan de Zomadônu” (1985), e Muncicarmo Maria Rocha Ferretti, em “A casa de Fanti-Ashanti e seu alaxé” (1987).

38. Aprendizados das leis da religião, ações e práticas que constituem a base da religião.

organização de um rito, podendo até ser uma linha, mas não obrigatoriamente reta.

Interessa-me realçar que os engajamentos variados que o *pai Edivanei* estabelece com suas entidades em vários momentos do seu cotidiano, em especial com a Cabocla Mariana, não se limitam ao corpo *montado* para a entidade. Os objetos e substâncias que compõem o altar do seu terreiro, que neste texto não cheguei apresentar, estão presentes no espaço material e energético do terreiro compondo o *Axé*: essa energia/vida que possibilita o encontro entre humanos com entidades, é marcada por questões sensíveis, negociadas e ritualizadas não só nos momentos específicos do ritual propriamente dito, mas se faz presente em outros momentos, inclusive no dia a dia do *pai de santo*, em situações talvez não consideradas religiosas.

Referências

BANAGGIA, Gabriel. (2008), Inovações e controvérsias na antropologia das religiões afro-brasileiras. Dissertação (mestrado), PPGAS/MN, UFRJ.

BARROS, José Flávio Pessoa de. (1993), O segredo das folhas: Sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nagô do Brasil. Rio de Janeiro, Pallas/Uerj.

BASTIDE, Roger. (1978 [1958]), O candomblé da Bahia: Rito nagô. São Paulo/Brasília, Nacional.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. (1987), A casa de Fanti-Ashanti e seu alaxé. São Luís, Alcântara.

_____. (2001), “Terecô, a sinhá de Codó”. Em: PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro, Pallas.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. (1985), Querebetan de Zomadônu. São Luiz, EDUFMA.

FICHTE, Hubert. (1987), Etnopoesia: Antropologia poética das religiões afro-americanas. São Paulo, Brasiliense.

GALVÃO, Eduardo. (1976 [1952]), Santos e visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

GOLDMAN, Marcio. (2006), Como funciona a democracia: Uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro, 7 letras.

_____. (2008), “Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetrização antropológica”. *Análise social*, XLIII, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (no prelo).

GONÇALVES, José Reginaldo Santos [e] CONTINS, Marcia. (2009), “A escassez e a fartura: Categorias cosmológicas e subjetividade nas festas do Divino Espírito santo entre imigrantes açorianos no rio de janeiro”. Em: CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro [e] GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *As festas e os dias: Ritos e sociabilidades festivas*. Rio de janeiro, Contracapa.

LEACOCK, Seth [e] LEACOCK, Ruth. *Spirits of the Deep: A Study of Afro-Brazilian Cult*. New York, Anchor Press.

LUCA, Taissa Tavernard de. (2014), “Por uma sociedade de corte nos terreiros de Belém”. *Revista Estudos Amazônicos*, Vol. XI, nº 2, pp. 156-189.

MARILU, Marcia Campelo [e] LUCA, Taissa Tavernard de. (2007), “As duas africanidades estabelecidas no Pará”. *Revista Aulas*, nº 4, pp. 1-27.

MAUÉS, R. Heraldo. (1995), *Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém, Cejup.

PEIRANO, Mariza. (2000), “A análise antropológica de rituais”. *Série Antropológica*, nº 270, Brasília: UNB/Departamento de Antropologia.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. (2017), *A Cabocla Mariana e a sua Corte Ajuremada: Modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda em Santarém, Pará*. Dissertação (mestrado), PPGAS/MN, UFRJ.

PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. (2000), *O imaginário fantástico da ilha dos lençóis: Estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*. Dissertação (mestrado), PPGA, UFPa.

PRANDI, Reginaldo (org.). (2000), *Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro, Pallas.

_____. (2001), *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras.

_____. (2005), *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras.

_____ [e] SOUZA, Patrícia R. (2001), “Encantaria de mina em São Paulo”. Em: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro, Pallas, pp. 217-280.

RODRIGUES, Ronaldo de Oliveira. (2014), “Ritual em Tambiah: trajetória, conceitos e reflexões”. Revista Brasileira de História das Religiões, Ano 7, nº 20, pp. 187-197.

TAMBIAH, Stanley. (1985), Culture, Thought, and Social Action: An Anthropological Perspective. Cambridge, Mass, Harvard University Press.

VERGOLINO E SILVA, Anaíza. (1976), O Tambor das Flores: Uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975). Dissertação (mestrado), PPGAS, Unicamp.

_____. (2003), “Os cultos afros no Pará”. Em: FONTES, Edilza (Org.). Contando a história do Pará: Diálogos entre a História e a Antropologia. Belém, Motion.